

**O Empreendedorismo na Formação do Contador: Um Estudo Exploratório nas
Universidades Públicas Paranaenses**

**Viviane da Costa Freitag
Marinei Abreu Mattos
Lauro Brito de Almeida**

RESUMO

Esse trabalho se propõe a efetuar um levantamento das grades curriculares das Instituições de Ensino Superior [IES] públicas do Estado do Paraná, objetivando verificar se as IES estão provendo aos formandos em Ciências Contábeis disciplinas que os estimulem e/ou os qualifiquem a atuarem com um perfil empreendedor. São objetivos específicos deste estudo: Conceituar empreendedor e empreendedorismo; explorar a aplicação do empreendedorismo corporativo em todos os níveis da organização e verificar se as IES Públicas do Estado do Paraná ofertam em suas grades curriculares nos cursos de graduação em Ciências Contábeis, disciplinas que estimulem um perfil empreendedor do graduando. Considerando a demanda do mercado por profissionais com perfis empreendedores. O método de pesquisa utilizado é fundamentada em métodos qualitativos de caráter exploratórios. A implantação do empreendedorismo nos cursos de graduação em ciências contábeis é algo possível e viável, a maior exigência é para com o corpo docente que necessita modificar sua postura clássica de ensino e tornar-se um facilitador, um profissional com habilidade em trabalhos multidisciplinares e capacidade de inovação.

Palavras-Chave: Ensino. Empreendedorismo. Instituições de Ensino Superior do PR.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas tem sido lugar comum na literatura especializada ou não a máxima de que as empresas estão passando por profundas modificações para atender a consumidores cada vez mais exigentes com relação a qualidade, prazos etc quanto aos bens e serviços demandados pelos consumidores. É fato que tal cenário sugere a ocorrência de modificações na forma como as organizações se relacionam com o mercado, como também internamente.

As modificações internas envolvem a adoção de modelos de gestão que contemplem, principalmente, novos modelos gerenciais com o objetivo de manterem e/ou expandirem seus negócios no mercado em que atuam de maneira sustentável em um cenário cada vez mais competitivo.

Independente da dimensão da organização, mercado em que atua, produto ofertados, são as pessoas as responsáveis por fazerem algo acontecer, são elas que desenham, implementam e respondem pela gestão dos novos modelos de gestão. Livre de exigências de formação profissional específica e área de atuação, são as pessoas que no desempenho de suas funções, além de estarem motivadas, tem que ter um perfil empreendedor para que as organizações possam, em um cenário de competitividade, quando necessário, se reinventarem, inovarem, mas sempre de maneira sustentável.

Sendo assim, os colaboradores das organizações atuantes neste contexto – independente de sua posição hierárquica - além das já existentes exigências para o exercício de suas profissões, terão também que ser empreendedores. Porém, ser empreendedor não constitui exigência

somente para aqueles que buscam seu próprio negócio, em geral, proprietário de pequenas e médias empresas. O tema empreendedor, para os propósitos de nosso estudo, independe se corporativo ou não.

As atividades empresariais, no que diz respeito ao seu capital humano, necessitam de colaboradores com as mais diversas formações. Eles terão maior ou menor ascendência na organização em função do tipo de negócio em que sua especialidade é primordial. No entanto, a contabilidade – aqui entendida de uma maneira bem ampla – é a linguagem dos negócios, sendo atividade responsável pela geração de informações que subsidiam os gestores na gestão de suas áreas. E nesse aspecto, apesar de a Contabilidade enquanto ramo de conhecimento não ser monopólio do Contador, tem sido ao longo dos tempos, ele o profissional responsável pela sua disseminação e gestão, enquanto atividade profissional.

Assim, o contador, colaborador em uma organização ou dono de seu próprio negócio, tem sido exigido para o amplo exercício de sua atividade que possua um alto grau de qualificação e competência. Temos visto que estes profissionais têm buscado por meio de cursos de pós-graduação *lato sensu* – em sua grande maioria – e nos de *stricto sensu* – uma pequena parte, subsídios para maior qualificação intelectual que permita desenvolver suas competências. No entanto, é necessário que haja mudança de postura, ou seja, espera-se que o Contador seja também empreendedor.

De acordo com Dolabela [1999:29-34], no Brasil o fomento às práticas empreendedoras intensificou-se a partir da década de 90, principalmente por meio de políticas públicas, motivadas pelas altas taxas de mortalidade das micros, pequenas e médias empresas. O Brasil tem sido caracterizado como um dos países com maior número de empreendedores, porém, convivendo com altas taxas de mortalidades dos empreendimentos. As instituições de ensino superior – IES – tem procurado oferecer disciplinas de empreendedorismo como forma de melhor qualificar os graduandos, como também os órgãos específicos de fomento – por exemplo SEBRAE – tem ofertado cursos formatados sob medida.

Dentro deste contexto é primordial para o desenvolvimento do trabalho responder a seguinte questão:

Os cursos de graduação em Ciências Contábeis ofertados pelas Instituições de Ensino Superior Públicas no Estado do Paraná estão provendo aos formandos em Ciências Contábeis disciplinas que os estimulem e/ou os qualifiquem a atuarem com um perfil empreendedor?

São objetivos específicos deste estudo: [1] conceituar empreendedor e empreendedorismo; [2] explorar a aplicação do empreendedorismo corporativo em todos os níveis da organização e [3] verificar se as IES Públicas do Estado do Paraná ofertam em suas grades curriculares nos cursos de graduação em Ciências Contábeis, disciplinas que estimulem um perfil empreendedor do graduando.

Além desta Introdução, este texto é formado por mais cinco sessões. A sessão compreende 2. Empreendedorismo e o ensino do empreendedorismo é cindida nas subseções 2.1 Empreendedor, empreendedorismo e empreendedorismo corporativo; 2.2 Aspectos da formação do empreendedor; 2.3 Papel da universidade na formação do empreendedor; 2.4 Disciplinas de apoio à formação do empreendedor no ensino de contabilidade. A seção 3. Metodologia, cindida em 3.1 Caracterização da pesquisa e 3.2 Método. A pesquisa, quanto ao resultado e discussão é tratada na seção 4. Resultados e discussão composta das subseções 4.1 O ensino da contabilidade no estado do Paraná, 4.2 Disciplinas ofertadas e 4.3 Análise conclusiva. Na sessão 5 Conclusão e por fim as Referências.

2 EMPREENDEDORISMO E O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

2.1 EMPREENDEDOR, EMPREENDEDORISMO E EMPREENDEDORISMO CORPORATIVO

E o que significa empreendedor, empreendedorismo e empreendedorismo cooperativo? O economista Schumpeter [1949] *apud* Dornelas [2001:37] define empreendedor nos seguintes termos:

O empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e matérias.

Ainda, segundo Schumpeter [1949] *apud* Dornelas [2001:37] o empreendedor é: “[...] aquele que cria um equilíbrio, encontrando uma posição clara e positiva em um ambiente de caos e turbulência, ou seja, identifica oportunidades na ordem presente.”. Para o autor, tal visão ancora-se na premissa da necessidade de destruir velhos paradigmas para criação de novos, em um processo cíclico no qual o agente básico desse processo é o empreendedor.

Drucker [2003:27-28] exemplifica, ao abordar a definição de empreendedor, que nos Estados Unidos empreendedor é frequentemente definido como aquele que começa seu próprio, novo e pequeno negócio. No entanto, continuando o autor discorda dessa generalização observando que “Entretanto, nem todos os pequenos negócios novos são de empreendedores ou representam empreendimento”.

Com relação às características do empreendedor, estas são consideradas como subjetivas e inerentes a atividade empreendedora e são listadas por Dornelas [2003:63-65] como sendo: [1] são visionários; [2] sabem tomar decisões; [3] fazem a diferença; [4] sabem explorar ao máximo as oportunidades; [5] são determinados; [6] são dedicados e dinâmicos; [7] são otimistas e amam o que fazem; [8] são independentes e constroem seu destino; [9] são líderes e formadores de equipes; [10] são bem relacionados; [11] são organizados; [12] são planejadores; [13] são detentores de conhecimento e assumem riscos calculados e [14] criam valor para a sociedade.

Em síntese o empreendedor é um inovador, está sempre utilizando sua criatividade, possui muita disciplina, determinação, persistência e comprometimento, além disso, é muito organizado. É conforme a conceituação de Drucker [2003:36-37] alguém que está sempre buscando a mudança, reagindo a ela e explorando-a como sendo uma oportunidade. Então, por definição o empreendedor, ainda segundo o autor, é aquele que transfere recursos de áreas de baixa produtividade e rendimento para áreas de produtividade e rendimento elevado. Vale ressaltar outro aspecto importante, que o empreendedor, não necessariamente é o gestor da empresa, podendo estar inserido em qualquer nível da organização, daí a importância da condição de empreendedorismo ao contador.

No conhecimento popular empreendedorismo trata-se simplesmente de aproveitar uma oportunidade de mercado, criando à partir daí um novo negócio. Dolabela [1999:69] discorda da definição no que se refere a criação de novos negócios, pois o empreendedorismo é um termo muito mais abrangente. O autor supracitado afirma que o empreendedorismo pode ser encontrado em todos os negócios, independente do setor em que está inserido ou do porte do negócio, também não está vinculado à invenções. A inovação pode estar na forma de utilização de recursos ou novas aplicações para um bem ou serviço já existente, ou ainda na identificação das necessidades do mercado.

O empreendedorismo é definido por Dornelas [2003:09] como uma forma de comportamento, uma postura que envolve processos organizacionais, que permitem a empresa toda trabalhar em busca de um objetivo comum que consiste na identificação de novas oportunidades nos negócios por meio da sistematização de ações internas focadas na inovação.

Já, o empreendedorismo cooperativo é definido como o processo pelo qual um indivíduo ou grupos, associados a uma organização existente, criam uma nova organização ou instigam uma nova inovação dentro da organização existente. É produto da inovação que a empresa pratica e desenvolve e envolve a criação de novos produtos, processos e sistemas organizacionais. Significa ainda o desenvolvimento de novas competências que conduzirão a

criação de valor para os clientes, funcionários ou acionistas. Sendo a organização possuidora de orientação empreendedora e exercendo essa influência na sua visão e missão, e também em suas estratégias, objetivos e estrutura, estará institucionalizando tal abordagem como visão da cultura organizacional. Além da inovação, o empreendedorismo contempla as dimensões de risco e proatividade na condução dos negócios. [Dornelas, 2003:38-46].

Finalizando, o conceito de empreendedorismo corporativo é dado pelo processo desenvolvido dentro da organização, que atinge todos os níveis de hierarquia, objetiva a inovação de novos produtos, processos ou sistemas, e onde toda criação tem seus riscos calculados. É nesse contexto que contador está inserido.

2.2 ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO EMPREENDEDOR

Druker [2003:33-35] observa que:

O espírito empreendedor é, portanto uma categoria distintiva seja de um indivíduo, ou de uma instituição. Não é um traço de personalidade; em trinta anos tenho visto gente de personalidade e temperamento, os mais variados possíveis, desempenharem-se bem, frente a desafios empreendedores. Indivíduos que precisam contar com a certeza são de todo impossível que sejam bons empreendedores. E mais, tais indivíduos jamais se destacarão em inúmeras outras atividades, na política, por exemplo, ou em posições de comando no serviço militar, ou como capitão de um transatlântico. Nessas atividades sempre faz-se necessário que decisões sejam tomadas, e a essência de toda decisão é a incerteza. Contudo, qualquer indivíduo que tenha à frente uma decisão a tomar pode aprender a ser um empreendedor e se comportar de forma empreendedora. O empreendimento é um comportamento e não um traço de personalidade. E esse empreendimento possui sua base fundamentada em conceitos e em teorias e não a intuição. Cabe ressaltar que o empreendedor ao fazer escolhas, essas estão fundamentadas em riscos calculados.

O mito de que o empreendedor é algo nato, intuitivo, cai por terra. É fundamental lembrar que toda prática se baseia na teoria, mesmo que o próprio praticante não se dê conta disso [Drucker, 2003:34]. Dessa forma, é perfeitamente possível – e altamente desejável – que o graduando em Ciências Contábeis – possua em sua grade curricular, disciplinas que diretamente os qualifiquem e desenvolvam suas competências empreendedoras.

A formação de empreendedor é possibilitada por meio da disseminação o que se denomina como “filosofia empreendedora” com vistas a formar alunos com perfis adequados à nova concepção de empresário-empreendedor. Continuando, Dolabela [1999:109] ressalta, que se existem dúvidas sobre a possibilidade de ensinar alguém a ser empreendedor, sabe-se que é possível que alguém aprenda a sê-lo em determinadas circunstâncias desde que em ambientes favoráveis ao auto-aprendizado, Portanto, o ambiente em sala de aula deverá favorecer essa cultura, onde os alunos devem absorver atitudes e comportamentos típicos do empreendedor.

Para a efetiva ocorrência do ensino e aprendizado de empreendedorismo, em específico nos cursos de graduação em ciências contábeis, é necessário que sejam atendidos um conjunto de requisitos. Entre esses requisitos, destacamos: [1] grade curricular adequada; [2] migrar de um ensino fortemente alicerçado na disciplinaridade – hermético em conteúdo e na relação entre os docentes – para um interdisciplinar; [3] mudança da metodologia, hoje fortemente centrado em aulas expositivas, com foco na transferência do conhecimento, para outras abordagens que desenvolvam o aluno como ser crítico; [4] pesquisas de novas tecnologias de ensino, pois em geral, contabilidade continua sendo ensinada sem alterações significativas nos últimos sessenta anos e [5] mudança de postura dos docentes, deixando de ser meros transferidores de conhecimentos para facilitadores, instigadores de um processo de conhecimento ingênuo –

baseado no senso comum para um processo de aprendizagem crítico fundamentado em um rigor metodológico.

Os cursos graduação em ciências contábeis ofertados pelas IES, em sua grande maioria estão voltados de um modo geral para formar contadores qualificados para quando em exercício de suas atividades profissionais atuarem em grandes organizações como *controller*, gerentes, supervisores, assessores ou outros cargos de *staff* na estrutura organizacional. Essa afirmação está apoiada na análise do perfil desejado do profissional formado em ciências contábeis, disponibilizada no sítio¹ da Universidade Estadual do Oeste do Paraná:

“O bacharel em ciências contábeis é o profissional habilitado a identificar e apresentar soluções para os diversos problemas contábeis e gerenciais pertinentes às entidades, consciente da necessidade de busca permanente de atualização e aperfeiçoamento profissional e pessoal, conhecedor das práticas contábeis, societárias, fiscais e tributárias aplicadas às entidades.”

E que de uma forma geral sintetiza e expressa os perfis semelhantes encontrados nos sítios das demais IES pesquisadas.

O processo de desenvolvimento de formação de graduandos em ciências contábeis com perfis empreendedores, além de exigir mudança no delineamento do perfil desejado do egresso, há que se ressaltar também que formar empreendedores significa trabalhar atitudes, que o modo de ensinar influencia tanto ou mais que o conteúdo, e mais, o quanto importante é frisar que o conhecimento não se adquire somente em salas de aula, mas ocorre diariamente na vivência do aluno. [Friedlaender, 2004:56]

O conhecimento conforme Cielo [2001:29] “não é apenas informação sobre o quê e como, neste caso é uma compreensão muito mais ampla que inclui todas as técnicas que o empreendedor tem que dominar”. Oliveira *apud* Cielo [2001:30], descreve que existem seis tipos de situações diferentes com relação ao conhecimento necessário para empreender: [1] Quando já estão inseridos no contexto onde atuarão; [2] Quando iniciam sua atuação em um negócio sem possuir experiência específica no ramo que pretendem atuar, apreendendo com a própria vivência, e experiências anteriores; [3] Quando são *expert* na área onde pretendem atuar, desenvolvendo um aprendizado intenso e profundo; [4] Quando já trabalhou anteriormente como empregado no negócio em que se pretende empreender, é caso da maioria dos pequenos empreendedores; [5] Quando procuram ingressar em negócios associados com o tipo de educação que tiveram e [6] Quando o empreendedor demonstra não possuir preparação específica para o negócio sob nenhuma forma óbvia, seja por tratar-se de um ramo novo, seja por uma questão de temperamento ou mesmo de falta de oportunidade.

Continuando, o Dolabela [1999:109] observa que efetuando uma análise das várias situações apresentadas, dificilmente os empreendedores se enquadraram em apenas uma das modalidades de conhecimento descritas. Um ponto a ser ressaltando é que ninguém nasce empreendedor. O ser humano é um produto resultante da cultura, necessidades e hábitos de uma região, e são esses fatores que determinarão seu comportamento. Constitui esse o motivo que o aprendizado se dá também no cotidiano do aluno. Pombo [2003:02] lembra que é o contato com a escola, família, amigos, trabalho, enfim, a sociedade, que favorece o desenvolvimento de alguns talentos e características da personalidade e bloqueando e enfraquecendo outros ao longo da vida devido às circunstâncias enfrentadas pelo indivíduo. Um outro ponto conflitante na formação desse empreendedor é o papel das Universidades. Realmente é papel dessas formar empreendedores?

Com relação a metodologia do ensino de aprendizagem, Filion [2000:04] faz uma importante observação sobre a questão do ensino: “o importante não é somente o que se aprende, mas

¹ Disponível em: <http://www.unioeste.br> acesso em 20/05/06

como isso é aprendido”. Baseados na teoria visionária de Filion que Dolabela [2000:03] expõe a metodologia de ensino do empreendedorismo. Para Filion um empreendedor é uma pessoa que define situações e imagina visões sobre o que deseja alcançar. É a partir desta afirmação que se expande o termo teoria visionária. e Dolabela [2005:04] explicita que o conceito de visão que Filion [1999:76] trabalha, consiste em uma imagem projetada no futuro. Ou seja o empreendedor deve sonhar e tentar realizar.

Segundo Filion [1991:63-65] o programa de aprendizagem somente poderá ser delineado com base na visão que a pessoa consiga formular o que pretende ser e o que deseja que sua empresa seja. O principal fator de suporte tanto da criação como do desenvolvimento da visão, é aparentemente o sistema de relações do empreendedor, no entanto outros fatores são importantes na formação da visão a saber: liderança, energia e percepção individual, essa última é condicionada pelos valores individuais. Estes quatro elementos de sustentação da visão se influenciam mutuamente.

Assim, a percepção individual corresponde a maneira com qual o empreendedor vê o mundo real, contém os valores, as atitudes, o humor, e as intenções desenvolvidas a partir da percepção. Assim como os valores, a percepção individual evolui com o indivíduo. Neste aspecto que as relações interferem de forma visível. Além disso, a educação formal e informal fornece subsídios para o desenvolvimento da percepção individual.

A energia compreende o tempo e o esforço dedicado pelo empreendedor no desenvolvimento das visões, também conferem um caráter motivador considerando o tempo de dedicação empregado no desenvolvimento da visão. Está intimamente relacionada com o grau de liderança pelo mesmo motivo, dedicação exclusiva, e interferirá na criação e manutenção da rede de relacionamentos. A liderança emerge da energia, da percepção do mundo e das redes de relacionamento, afeta diretamente o desejo de realização. E o sistema é retro alimentado para a formação e reformulações da visão.

Filion [1991:65] descreve o sistema de relações como o mais importante no desenvolvimento da visão, a família base das realizações, fornecerá exemplos e subsídios para a formação da primeira rede de relacionamentos. Os relacionamentos são contatos que o indivíduo deverá desenvolver buscando o aprimoramento de sua visão. Exemplificando, caso o empreendedor decida inovar no ramo de refeições rápidas, é essencial desenvolver relacionamentos com pessoas da área, visando a detecção de possíveis problemas, necessidades e até mesmo inovações no referido setor.

Segundo Filion [1991:64] a forma que os empreendedores utilizam-se para adquirir conhecimento é proativo, normalmente buscam trabalhar em diversos setores ou áreas que possibilitem sua interação com o negócio que pretendem dedicar-se. O processo de aprendizagem segundo a teoria visionária de Filion [1991:64] adaptado por Falabela [1999:80] é composto pelas seguintes etapas: [1] Identificar um interesse por um setor de negócios; [2] Compreender um setor de negócios; [3] Descobrir uma nova oportunidade; [4] Visar um nicho de mercado de forma diferenciada; [5] Imaginar e definir um contexto organizacional e [6] Efetuar o planejamento.

Após o planejamento o sistema será retro alimentado pela fase 2, de compreensão de um setor de negócios. Filion [1991:67] descreve o processo de desenvolvimento da visão sugerindo algumas atividades educacionais relacionadas com as respectivas fases da visão, conforme pode ser observado no quadro nº 01.

Quadro nº 01: Fases da visão

<i>Fase da Visão</i>	<i>Conteúdo a ser desenvolvido</i>	<i>Atividade Educacional dirigida</i>
Embrionária	Idéia do produto ou serviço	Leitura de biografias e estudos das atividades empreendedoras
Desenvolvimento	Estudos de mercado, de produto e viabilidade	Orientação por profissionais do setor e leituras dirigidas à

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006

Forma	Idéias de empresas	administração Orientação por profissionais do setor, estudos de casos, discussões em grupos
Alvo	Objetivos precisos a serem alcançados	Conferências, <i>Feedback</i>

Fonte: Adaptado de FILION [1991:67]

Segundo Dolabela [1999:108], a disseminação do empreendedorismo é vista aqui, muito mais como um processo de formação de atitudes e características do que uma forma de transmissão de conhecimento. O modelo de ensino tradicional fornece a base teórica necessária para a formação de bons profissionais. A novidade proposta pelo autor está em incorporar no processo de aprendizagem elementos subjetivos como emoção, criatividade, percepção de mundo, persistência, entre outros.

Para Dolabela [1999:76] os conceitos preparam para a ação, e a ação é exercitada através de exercícios práticos apresentados na medida em que o empreendedor vai se desenvolvendo. A seguir o quadro 03 descreve as diferenças entre a metodologia do ensino tradicional e a metodologia de aprendizado do empreendedorismo.

Quadro nº 02: Diferenças entre as metodologias

Tradicional	Empreendedor
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta	Ênfase no processo: aprender a aprender
Conduzido e dominado pelo instrutor	Apropriação do aprendizado pelo participante
O instrutor repassa o conhecimento	O instrutor é o facilitador, os participantes geram o conhecimento
O Conhecimento é imutável	O conhecimento é mutável
Currículo e sessões programadas	Currículo e sessões flexíveis voltadas às necessidades
Objetivos de ensino impostos	Objetivos do ensino negociados
Prioridade para o desempenho	Prioridade para as percepções das visões
Rejeição a conjecturas e pensamentos divergentes	Conjecturas e pensamentos divergentes como parte do processo criativo
Ênfase no pensamento analítico linear	Ênfase no pensamento holístico não linear conjugado com o pensamento analítico linear
Conhecimento teórico abstrato	Conhecimento teórico prático
Educação encarada como necessidade social	Educação vista como processo que dura a vida toda
Erros não são aceitos	Erros são fonte de conhecimento
O conhecimento é o elo entre alunos e professores	O relacionamento humano é o elo entre alunos e professores

Fonte: Adaptado de DOLABELA [1999:116]

Cumpramos ressaltar que as particularidades do sistema de aprendizado do empreendedor vão gerar uma metodologia de aprendizado e não de ensino, com características muito diversas da formação de administradores. [DOLABELA, 1999:119] Assim sendo verifica-se que a principal característica do aprendizado em empreendedorismo depende muito da figura do professor, que passa a ser um facilitador, que apresenta as disciplinas que servirão de escopo para o empreendedor no desenvolvimento de suas atividades que podem ser um empreendimento ou de empreendimento corporativo.

Quanto às disciplinas que compõem o escopo necessário, Dolabela [1999:06] elenca as seguintes disciplinas: marketing, finanças e organização. Além destas o autor insere no programa de aprendizagem a Oficina do Empreendedor, onde ao assumir o papel de organizador do processo de aprendizagem o Organizador da Oficina do Empreendedor [OOE] não se coloca na postura de um especialista. Este – o professor - não assume a posição do professor tradicional, no sentido de ser uma fonte de todos os conhecimentos de que trata a disciplina, mas pela capacidade de percepção do comportamento do mercado concorrencial, composto por conjuntos de pessoas cujas ações provocam a sua transformação constante que, por sua vez, é geradora do alvo que o empreendedor incansavelmente persegue: a oportunidade.

O OOE precisa manter, além dos vínculos acadêmicos, uma proximidade com o ambiente empresarial e político-econômico (sistemas de suporte) e trazer o seu *network* para a sala de aula. Sob este prisma, as funções do Organizador são vistas principalmente como um elo que proporcionará a ligação do aluno com o mundo empresarial. Deve ter também uma visão multidisciplinar promovendo a agregação de especialistas em torno da disciplina, criando um ambiente em que seja possível a obtenção do conhecimento por meio da ação, uma vez que o aluno deve aprender como o empreendedor aprende, de forma pró-ativa. A relação professor (OOE)-aluno é vista de outro ângulo: o ator principal é o futuro empresário. [DOLABELA 1999:08]

Assim, conclui-se que para a formação de profissionais empreendedores, primeiramente é necessário romper alguns paradigmas do ensino tradicional, entre outros quanto a postura do professor que passa a ser um facilitador. É necessário fornecer o arcabouço conceitual básico já explicitado e promover um ambiente de interação onde as visões empreendedoras possam ser desenvolvidas.

2.3 PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO EMPREENDEDOR

A universidade é definida pelo dicionário Aurélio [1975:1442] como: [...] instituição de ensino superior que compreende um conjunto de faculdades ou escolas para a especialização profissional e científica, e tem como função precípua garantir a conservação e o progresso nos diversos ramos do conhecimento, pelo ensino e pela pesquisa .

Garantir o progresso nos diversos ramos do conhecimento já parece ser argumento bastante conciso, para justificar a responsabilidade das Universidades na formação do empreendedor, visto que esse é produto da sociedade em que está inserido. Sob esta ótica Friedlaender *apud* Leszczynsky [2004:63] traz uma importante contribuição, a saber:

O ensino superior é em qualquer sociedade, um dos motores do desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, um dos pólos da educação ao longo de toda vida. [...] Além disso, devido à inovação e ao progresso tecnológico, as economias exigirão cada vez mais profissionais competentes, habilitados com estudos de nível superior.

Essa citação reafirma a importância da participação das IES na formação de profissionais que atendam as necessidades do mercado, mas não do ponto de vista de um aluno treinado, o que o tornaria altamente descartável diante das mudanças frequentes nas organizações. Se esta afirmação é verdadeira, pressupõe-se que os profissionais recém formados entre outras competências desenvolvidas, devam possuir um perfil empreendedor e por dedução os bacharéis em ciências contábeis assim também teriam que possuir o mesmo perfil.

No que concerne ao perfil empreendedor ser aplicável em todas as graduações e demais níveis de ensino. Assim o desafio é incluir o empreendedorismo em todos os cursos universitários oferecidos pela IES, seja em História, Música, Direito, Ciência da Computação, entre outros. Esse comentário contribui para desmistificar que o empreendedorismo é matéria restrita ao curso de administração de empresas, e ainda, corrobora a idéia de que os graduandos em ciências contábeis não somente podem, como devem ter em suas grades curriculares disciplinas específicas de empreendedorismo, sejam elas ofertadas como disciplinas regulares ou optativas.

Dolabela [ano:data] expõem o panorama histórico do ensino do empreendedorismo no Brasil, a saber:

Quadro nº 03 Histórico do ensino do empreendedorismo no Brasil

Data	Instituição-Local	Modalidade	Vínculo
------	-------------------	------------	---------

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006

Data	Instituição-Local	Modalidade	Vínculo
1981	Fundação Getúlio Vargas – SP	Disciplina	Pós Graduação em Administração
1984	Fundação Getúlio Vargas – SP	Graduação em novos negócios – formação de empreendedores	Independente
1984	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS	Disciplina criação de empresas	Graduação em Ciência da Computação
1984	Universidade de São Paulo – Faculdade de Economia Administração e Contabilidade (FEA) – SP	Disciplina criação de empresas	Graduação em Administração
1985	Universidade de São Paulo - (FEA) - SP	Disciplina criação de empresas e empreendimentos de base tecnológica	Pós Graduação em Administração
1989	Centro Integrado de Gestão Empreendedora (CIAGE) Fundação Getúlio Vargas – SP	Mestrado Doutorado <i>Lato sensu - MBA</i>	Independente
1992	Universidade Federal de Santa Catarina – SC	Escola de Novos Negócios	Graduação Multidisciplinar
1993	Universidade Federal de Minas Gerais – MG	Disciplina	Graduação em Ciência da Computação
1995	Escola Federal de Engenharia de Itajubá – MG	Disciplina	Graduação multidisciplinar

Fonte: Adaptado pelos autores. Dados divulgados por Fernando Dolabela disponível em: <http://www.sebrae.com.br/revistasebrae/01/tema.htm>

Conforme quadro de número 04, verificamos que a partir da década de 80 o ensino do empreendedorismo foi disseminado nas Universidades Brasileiras, cabendo ressaltar que além destas iniciativas, concomitantemente foram desenvolvidos e inseridos trabalhos sobre o tema em escolas de ensino infantil, fundamental, técnico, pós-médio e ainda treinamentos ofertados por instituições como o Sebrae, Programa Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo [REUNE] e da Confederação Nacional das Indústrias/ Instituto Euvaldo Lodi.

Atualmente o ensino sobre o empreendedorismo atinge um número muito grande de instituições de ensino, por meio de disciplinas específicas ofertadas nos mais diversos cursos seja de graduação, especialização, e ainda *stricto sensu*. O sítio do SEBRAE informa que atualmente são 150 instituições de ensino que ofertam programas de empreendedorismo.

Retomando o quadro 04, verificamos que o ensino do empreendedorismo aplicado como disciplina inicialmente foi mais disseminado por meio dos cursos de graduação em Administração, sendo que esse paradigma começou a ser substituído a partir de 1984, quando da inserção da disciplina no curso de ciência da computação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Essa inserção tornou-se mais consistente por meio de outras iniciativas como o Programa Softex criado em 1992, pelo Centro Nacional de Pesquisa (CNPq), com a finalidade de estimular a exportação do software brasileiro. A experiência foi positiva, resultando na criação de cerca de cinco empresas a cada semestre. Em 1996, a disciplina ganhou alcance nacional por intermédio do Programa Softex-Sofstart. Hoje, é oferecida por mais de 100 departamentos de ensino de informática, em 24 estados brasileiros.

3 MÉTODO

3.1 TIPOLOGIA DE ESTUDO

Collis & Hussey (2005) a respeito da classificação das pesquisas e diante dos muitos tipos existentes, aludem que estas podem ser classificadas “[...] de acordo com: o objetivo da

pesquisa; o processo da pesquisa; a lógica da pesquisa e o resultado da pesquisa.” [*grifo no original*]. Quanto ao objetivo é uma pesquisa *exploratória* por proporcionar maior familiaridade com a questão de pesquisa proposta, procurando padrões, idéias e a obtenção de *insights*, que num plano futuro subsidiem uma investigação mais rigorosa. Também é *descritiva*, ao tratar da descrição das características de determinada população e o comportamento de fenômenos, possibilitando a avaliação e descrição das características de questões pertinentes [Gil, 1996 e Collis & Hussey, 2005]. Paradigma, conforme Collis & Hussey (2005) “[...] refere-se ao progresso da prática científica com base nas filosofias e suposições de pessoas sobre o mundo e a natureza do conhecimento; nesse contexto, sobre como a pesquisa deveria ser feita.”

A respeito da pesquisa, os autores observam a existência de “[...] dois principais *paradigmas* ou filosofias de pesquisa.” e que apesar das incertezas, eles podem ser chamados de *positivistas* e *fenomenológicos*, sendo que alguns autores preferem os termos *quantitativo* e *qualitativo*. Este estudo é orientado pela abordagem do paradigma fenomenológico [*qualitativo*], que, segundo Collis & Hussey [2005] [...] se interessa em entender o comportamento humano a partir de uma referência do participante [...] presume-se que a realidade está dentro de nós; portanto, a ação de investigar a realidade tem um efeito sobre essa realidade.

3.2 UNIVERSO DA PESQUISA

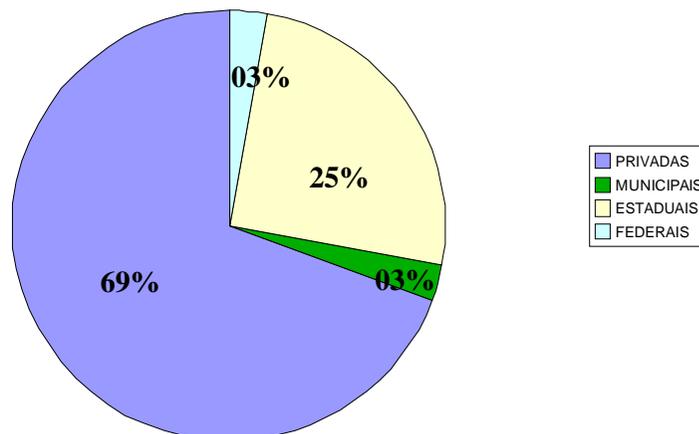
Universo ou população, de acordo com Marconi & Lakatos (2003) “[...] é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica comum.”, neste caso os cursos de graduação em ciências contábeis ofertados pelas IES públicas ofertados pelas IES no Estado do Paraná. A escolha das IES foi por conveniência, considerando a disponibilização dos dados requeridos em seus sítios. A pesquisa baseou-se em lista de IES Públicas no Estado do Paraná disponível na página do INEP.

4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O ENSINO DA CONTABILIDADE NO ESTADO PARANÁ

O estado do Paraná atualmente possui 72 Instituições de Ensino Superior públicas e privadas que ofertam o curso de ciências contábeis, segundo o site do INEP. Das 72 Instituições de Ensino Superior (IES), 22 são públicas, entre municipais, estaduais e federais, correspondendo no total em 30,56% dos cursos de ciências contábeis, ofertados no estado. Enquanto que as privadas correspondem a 69,44% da oferta na graduação. Conforme pode ser visualizado no gráfico 01 que representa o quadro geral das IES a seguir:

Quadro Geral da IES - PR Curso Ciências Contábeis



A pesquisa junto às IES do Paraná foi realizada por meio da internet entre os dias 25 a 30 de maio de 2006. O objetivo do levantamento foi verificar se as grades curriculares dos cursos de ciências contábeis das IES públicas do estado do Paraná possuem no mínimo as três disciplinas essenciais do empreendedorismo indicadas por Dolabela. As disciplinas correspondem a marketing, finanças e organização.

Primeiramente buscamos na internet as grades curriculares que estavam disponíveis e obtivemos o seguinte resultado da amostra, conforme quadro abaixo:

Quadro 04 – Universo e amostra da pesquisa

<i>Instituições</i>	<i>Número</i>	<i>Percentual</i>
Total de públicas	22	100,00%
Total de públicas pesquisadas	20	90,91%

Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme visualizado, estabelecido o universo foi retirada amostra a ser trabalhada. O fator limitante a observação de todo o universo foi a não disponibilidade das grades curriculares no sítio das referidas ou até mesmo foi ocasionado pela indisponibilidade do sítio.

As IES pesquisadas e sua respectiva área de abrangência disposta por município, pode ser observado pelo quadro 05 foram as seguintes:

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006

Quadro 05 – Instituições de Ensino Superior Pesquisadas

Núm.	Instituição de Ensino Superior	Campi	Categoria Administrativa
01	Faculdade da Cidade de União da Vitória – FACE	União da Vitória	Municipal
02	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Mandaguari – FAFIMAN	Mandaguari	Municipal
03	Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Apucarana – FECEA	Apucarana	Estadual
04	Universidade Estadual de Londrina – UEL	Londrina	Estadual
05	Universidade Estadual de Maringá – UEM	Maringá	Estadual
06	Universidade Estadual de Maringá – UEM	Cianorte	Estadual
07	Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG	Ponta Grossa	Estadual
08	Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG	Palmeira	Estadual
09	Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO	Guarapuava	Estadual
10	Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO	Laranjeiras do Sul	Estadual
11	Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO	Irati	Estadual
12	Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO	Prudentópolis	Estadual
13	Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO	Pitanga	Estadual
14	Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO	Chopinzinho	Estadual
15	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE	Marechal Cândido Rondon	Estadual
16	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE	Cascavel	Estadual
17	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE	Foz do Iguaçu	Estadual
18	Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTPFR	Pato Branco	Federal
19	Universidade Federal do Paraná - UFPR	Curitiba	Federal
20	Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Cornélio Procópio – FAFICOP	Cornélio Procópio	Estadual

Fonte: Elaborado pelos Autores

O passo seguinte foi verificar o elenco de disciplinas que compõem o curso de ciências contábeis em todas as IES. Realizado esse levantamento isolamos as disciplinas essenciais listadas por Dolabela, a seguir acrescentamos outras lecionadas que estariam somando para a formação de profissionais da área contábil com perfil empreendedor.

4.1 DISCIPLINAS OFERTADAS NAS IES PÚBLICAS NO ESTADO DO PARANÁ

Foram verificadas todas as disciplinas ofertadas pelas IES pesquisadas, na seqüência as disciplinas foram segregadas bem como suas respectivas ementas, objetivando a identificação de outras de igual utilidade para a formação de um profissional com perfil empreendedor. Cabe ressaltar que foram escolhidas disciplinas afins ao quesito finanças e organização citadas por Dolabela. Também é importante explicitar que o ensino de administração ou finanças não é o mesmo que empreendedorismo, esse apenas oferece instrumental necessário como suporte à tomada de decisões.

Com base nesse raciocínio que, analisando as grades curriculares foram distinguidas as disciplinas a saber: [1] Administração Financeira e Orçamento Empresarial, [2] Gestão e Estratégia Empresarial, [3] Contabilidade e Análise de Custos, [4] Contabilidade Decisória, [5] Contabilidade Gerencial e [6] Contabilidade Orçamentária e Finanças. Além disso, é importante discernir que essa é uma opinião independente dos autores deste artigo, os quais acreditam que estas disciplinas oferecem o arcabouço conceitual necessário como suporte aos empreendedores.

A distribuição na amostra analisada foi pontuada, para a existência de cada disciplina supracitada, foi atribuído um ponto, o total máximo de pontos a ser obtido por uma instituição corresponde a seis.



Os números que correspondem a cada universidade estão dispostos na mesma forma que o quadro nº 05. A visualização do gráfico acima, permite realizar as seguintes inferências: Somente uma das IES pesquisadas, oferta uma das disciplinas consideradas essenciais à formação do profissional empreendedor, o que corresponde a um percentual de 05% sobre a amostra. Em três IES apresentam duas disciplinas, o que corresponde a 15% do total da amostra. Em nove das IES pesquisadas apresentam três disciplinas o que confere um percentual de 50% da amostra. Em três IES apresentam quatro disciplinas resultando em 15% da amostra. Também em três IES apresentam cinco disciplinas, resultando em 15% da amostra.

4.3 ANÁLISE CONCLUSIVA

Os resultados da pesquisa indicam que os graduandos em Ciências Contábeis nos cursos ofertados nas Universidades Públicas do Estado do Paraná, não possuem disciplinas específicas e nem foco no ensino do empreendedorismo, o que é aderente com o perfil desejado do egresso disponibilizado em suas páginas. Pertencente ao conjunto das IES pesquisadas, somente uma – UFPR – informa como uma das características do perfil do egresso formar um empreendedor. No entanto, a análise das disciplinas que compõem a grade curricular não permite validar a afirmativa exposta no site.

O perfil do egresso formado em ciências contábeis nos cursos ofertado nas é o de um profissional habilitado a identificar e apresentar soluções para os diversos problemas contábeis e gerenciais pertinentes às entidades, conhecedor da prática contábil, societária, fiscal e tributária, plenamente corroborado pela análise das disciplinas. Assim, a análise dos resultados sugere que não faz parte dos objetivos das IES a formação de um profissional empreendedor, se assim o fosse, entre as disciplinas ministradas deveriam englobar o marketing e obviamente a oficina do empreendedor.

De uma maneira geral, apesar da heterogeneidade das grades curriculares dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, é um curso rico, flexível e generalista enquanto concepção. Há que se trabalhar a gestão didática desses cursos, tornando-os de fato interdisciplinar, propiciando uma formação na qual o aluno desenvolva o seu lado crítico, aprendendo a aprender em um ambiente no qual o professor não é mais um transferidor de conhecimento.

A pesquisa revela que a oferta de disciplinas ligadas a instrumentos necessários para a análise econômica-financeira – que permeia toda a gestão da empresa, principalmente em sua fase de criação – tem sido razoavelmente ofertada pela IES Públicas do Estado Paraná. Das IES pesquisadas, 31,58% ofertam de quatro a cinco disciplinas das seis selecionadas como essenciais de suporte. No entanto, nenhuma das IES oferta a disciplina de marketing, provavelmente por acreditarem ser uma matéria restrita ao curso de administração.

Uma estratégia de conduzir o curso de graduação em ciências contábeis com foco em empreendedorismo é implementar a oficina do empreendedor. Esta atividade será conduzida pelos próprios professores do curso de ciências contábeis, construindo um ambiente no qual os alunos serão responsáveis pela elaboração do plano de negócios. Neste caso, a participação de profissionais atuantes em áreas específicas, seja de negócios ou aspectos do negócio poderão dar depoimentos visando a ampliação e fomento das idéias. É fator contribuinte para o pleno sucesso da oficina do empreendedor, a instituição da figura do padrinho que será, principalmente, responsável por orientar o “afilhado” demonstrando as peculiaridades do empreendimento escolhido.

5 CONCLUSÃO

Assim sendo recomenda-se ofertar ao menos como disciplina optativa, ou isolada, o marketing e a oficina do empreendedor, essa última pode ser de maior utilidade se levada concomitantemente com os Trabalhos de Conclusão de Curso, já que algumas da IES solicitam aos acadêmicos a movimentação de uma empresa real, desde sua abertura até o encerramento de um período como é o caso da UFPR.

A implantação do empreendedorismo nos cursos de graduação em ciências contábeis é algo possível e viável, a maior exigência é para com o corpo docente que necessita modificar sua postura clássica de ensino e tornar-se um facilitador, um profissional com habilidade em trabalhos multidisciplinares e capacidade de inovação.

É de suma importância que o profissional educador esteja em harmonia com o mercado de trabalho para que possa realmente formar bacharéis em ciências contábeis não somente habilitados e conscientes de seus compromissos com a sociedade, mas também profissionais empreendedores.

REFERÊNCIAS

CIELO, Ivanete Daga. Perfil do Pequeno Empreendedor: Uma investigação das características empreendedoras nas empresas de pequena dimensão. 2001. Dissertação [Mestrado] Programa de Pós Graduação em Engenharia da Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COLLIS, J. & HUSSEY, R. 2005. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2.ed.- Porto Alegre: Bookman,

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. 6º ed. São Paulo: Cultura. 1999.

DOLABELA, Fernando. Uma revolução no ensino universitário de empreendedorismo no Brasil. A metodologia da oficina do empreendedor. In **44th ICSB World Conference**. Nápoles, junho de 1999 p. 0-15

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo Corporativo: Como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA
DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus 2001

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003

FILION, Louis Jacques. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. São Paulo: **RAE – Revista de Administração de Empresas**, out/dez 1999, v. 39 n. 4, p. 6-20.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo e Gerenciamento: Processos distintos, porém complementares. Tradução de Fernando Dolabela **Revista de Administração de Empresas Light**. São Paulo: EASP/FGV. v. 07 n° 03 Jul/set 2000. p. 02-07.

FILION, Louis Jacques. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: Idenfique uma visão e avalie o seu sistema de relações. Tradução de Gledson Luiz Coutinho. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: EASP/FGV. v. 31 n° 03 Jul/set 1991. p. 63-71

FRIEDLAENDER, Gilda Maria Souza. **Metodologia de ensino-aprendizagem visando o comportamento do empreendedor**. 2004. Tese [doutorado] – Programa de Pós Graduação em Engenharia da Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 1999

GUIMARÃES, Liliane Oliveira. Empreendedorismo no currículo dos cursos de Administração: uma análise da organização didático-pedagógica. Belo Horizonte, **E&G Economia e Gestão**. dez. 2002/jul. 2003, v.2 e 3, n. 4 e 5, p. 78-95.

HARVARD BUSINESS REVIEW. **Empreendedorismo e Estratégia**. Tradução de Fábio Fernandes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002

LAKATOS, E.M. & MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed.-São Paulo, Atlas, 2003

POMBO, Adriane Alvarenga da Rocha. O que é ser Empreendedor? disponível em www.biblioteca.sebrae.com.br acesso em: 10/09/2006.

SCHMIDT, Carla Maria; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza; HOELTGEBAUM, Marianne. O ensino de empreendedorismo: uma análise nos cursos de administração das IES de Blumenau/SC. **Anais do V Colóquio Internacional sobre Gestión Universitária em América del Sul**. Mar del Plata, Diciembre 2005.

TEZZA, Gisele Orli Adam; SILVEIRA, Amélia; HOELTGEBAUM, Marianne. O ensino do empreendedorismo nos cursos de administração das Instituições de Ensino Superior Paranaense e Catarinenses: uma análise comparativa. **Anais do V Colóquio Internacional sobre Gestión Universitária em América del Sul, Mar del Plata**. Diciembre 2005.

Relação de Sítios

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA
DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006

<http://www.educacaosuperior.inep.gov.br> acesso em 20/05/2006

<http://www.face.br> acesso em 20/05/06

<http://www.fafiman.br> acesso em 20/05/06

<http://www.fecea.br> acesso em 20/05/06

<http://www.fecilcam.br> acesso em 20/05/06

<http://www.faficp.br> acesso em 20/05/06

<http://www.fafipar.br> acesso em 20/05/06

<http://www.uel.br> acesso em 20/05/06

<http://www.uem.br> acesso em 20/05/06

<http://www.uepg.br> acesso em 20/05/06

<http://www.unicentro.br> acesso em 20/05/06

<http://www.unioeste.br> acesso em 20/05/06

<http://www.ufpr.br> acesso em 20/05/06

<http://www.cefetpr.br> acesso em 20/05/06